

Opinião



Rui Sá Correia
Arquiteto Paisagista
www.inoutside.pt

(UN)VOID SPACES

Os vazios urbanos, espaços cuja ocupação do solo não é consentânea, em parte porque não reúnem as condições ideais para gerar riqueza imediata, são considerados por muitos como uma oportunidade para reformular a paisagem urbana. Sendo verdadeira a premissa de que muitos espaços que criam o tecido urbano são, de facto, vazios de funções, memória e alma, como o são os espaços expectantes comuns a qualquer paisagem urbana, é também verdade que outros tantos supostos espaços vazios cumprem funções ímpares que devem ser exaltadas.

Os espaços verdes urbanos são por muitos considerados como vazios urbanos. Vazios porque são um encargo que as administrações locais devem suportar, vazios porque, em oposição às áreas construídas, não cumprem as óbvias funções habitacional, industrial etc. Uma visão iletrada que revela um absoluto desconhecimento das funções que estes espaços cedem à paisagem urbana, contribuindo para a sua regulação térmica, para a infiltração das águas pluviais, para a fixação de poeiras e para potenciar as relações sociais em espaços identitários onde a relação com a natureza (flora, fauna, geologia, hidrologia etc.) é um atributo. São estes supostos vazios que contribuem para a qualidade de vida das populações e que integram a estrutura ecológica urbana, colaborando na criação de tecidos urbanos sustentáveis e equilibrados, ao invés de espaços fragmentados e desprovidos de ordem.

Recentemente foi publicado na comunicação social um artigo de opinião que apresentava precários argumentos para a intenção de alguns interesses economicistas acompanharem, em Lisboa, um suposto desenvolvimento que se tem vindo a evidenciar noutras cidades europeias. Esse desejo formalizar-se-ia através da construção de um parque de diversões no Parque Florestal de Monsanto. Os argumentos cingiam-se à relação próxima que este pulmão verde estabelece com a cidade, às várias acessibilidades que o servem, ao facto de, sendo distante de aglomerados residenciais, não importunar os inexistentes vizinhos, às fantásticas vistas que oferece sobre a cidade, de ter espaço suficiente para estacionamento, não comprometendo o tráfego no centro da cidade e, principalmente, porque reúne vários hectares descaracterizados por pequenas manchas arbustivas que intercalam com zonas de clareira. Reunir-se-iam, assim, todas as condições para que uma parcela deste território fosse impermeabilizada em prol de interesses economicistas mas comprometendo a qualidade das populações urbanas, neste caso específico os lisboetas.

Antes de se proporem soluções infundamentadas, atente-se, aos contributos inqualificáveis que estes supostos vazios urbanos oferecem a uma paisagem tão delicada quanto a urbana.